

A constituição dos Estudos Culturais e sua relação com os estudos de mídias: as telenovelas como forma de interpretação do país

Rondinele Aparecido RIBEIRO¹

Resumo

O presente artigo tem por finalidade estabelecer considerações acerca da origem dos Estudos Culturais e seu foco de interesse pela ficção midiática, haja vista que essa linha constituiu um amplo campo de pesquisa em muitos países e acaba se estendendo por todas as áreas das Ciências Sociais, sendo responsável pela ruptura dos limites tradicionais da Teoria Literária e das Ciências Sociais. Assim, o texto se depara com a finalidade precípua de tecer considerações acerca da origem dessa linha bem como os desdobramentos mais relevantes para a compreensão do fenômeno cultural em seu diálogo com a cultura contemporânea.

Palavras-chave: Estudos culturais. Estudos de mídia. Cultura. Telenovela.

Abstract

This article aims to establish considerations about the origin of Cultural Studies and its focus of interest by the media fiction, considering that this line constituted a wide field of research in many countries and it ends extending to all areas of the Social Sciences, being responsible for the breakaway of the traditional limits of the Literary Theory and Social Sciences. Thus, the text encounters with the main purpose to make considerations about the origin of this line, as well as the unfoldings most relevant consequences for the understanding of the cultural phenomenon in its dialogue with the contemporary culture.

Keywords: Cultural Studies. Media Studies, Culture, Telenovela.

Introdução

Antes de se estabelecer considerações acerca da linha denominada de Estudos Culturais, é importante teorizar sobre algo mais amplo que se constitui o corpus de

¹ Mestrando em Linguagem, Identidade e Subjetividade pela UEPG.
E-mail: rondinele-ribeiro@bol.com.br

análise da linha, a cultura. Esse conceito foi cunhado ao longo dos séculos, mais precisamente pela antropologia e pelas ciências sociais, o que possibilitou o desenvolvimento dos Estudos Culturais movidos a uma reformulação de um conceito bastante atual e extremamente complexo. Assim, a segunda metade dos anos 50 é apontada como um marco para a área denominada de Estudos Culturais. Prysthon (2003, p.135) assevera que a linha surge na Grã-Bretanha e deriva da corrente denominada *leavisismo*. Para a autora, a corrente tinha como intuito promover “uma tentativa de redisseminar o agora chamado capital cultural” (PRYSTHON, 2003, p.135). A autora postula ainda que para atingir seu intento, Leavis tinha como objetivo empregar o sistema educacional para distribuir amplamente para as classes conhecimentos literários fundados numa longa tradição canônica como exemplo de uma alta cultura.

O pensamento de Leavis exerceu muita influência nas escolas britânicas durante a expansão do sistema educacional nos anos 50 e 60. Richard Hoggart e Raymond Williams, teóricos oriundos da classe operária, de acordo com Prysthon (2003), tiveram uma relação de ambivalência com o leavisismo. Se por um lado, os autores partilhavam a ideia de que os textos consagrados tinham mais riqueza que os da cultura de massa - combatidos por Leavis; Por outro lado, postulavam que o leavisismo ficava distante das formas culturais cultuadas e partilhadas pela classe trabalhadora. Assim, os textos dos teóricos apontados procuram estabelecer novas formas de se analisar a cultura.

Os estudos culturais: definição

Em termos gerais, pode-se falar que a linha denominada de Estudos Culturais surgiu, então, por meio do *Center for Contemporary Cultural Studies* (CCS) num contexto de alteração acerca da revigoração de conceitos e valores tradicionais da classe operária no contexto do pós-guerra. Fundado em 1964 por Richard Hoggart, sua criação foi possível graças a pesquisa intitulada *The Uses of Literacy*. Ligado ao English Department da Universidade de Birmingham, constitui-se como um centro de pesquisa e de pós-graduação da instituição.

Para Escosteguy (2003²), as postulações de Richard Hoggart, Raymond Williams e Thompson são as três fontes dos Estudos Culturais. O primeiro escreveu *The Uses Of Literacy* em 1957. A obra constitui-se como um ensaio autobiográfico e como história cultural do meio do século XX; Já o segundo, escreveu *Culture and Society*, em 1958. Nessa obra, o autor “constrói um histórico do conceito de cultura, culminando com a ideia de que cultura comum ou ordinária pode ser vista como um modo de vida em condições de igualdade de existência com o mundo das Artes, Literatura e Música” (ESCOSTEGUY, 2003). Já Thompson, autor de *The Making of English Working-class*, obra datada de 1963, “reconstrói uma parte da história da sociedade inglesa de um ponto de vista particular – a história ‘dos de baixo’ (ESCOSTEGUY, 2003). Valem as postulações de Hollanda:

O trabalho inaugural dos EC é o trabalho de Richard Hoggart, intitulado "Uses of Literacy". Conforme o prefácio, Hoggart pretendia romper com o positivismo científico da objetividade sociológica e concentrar-se na "subjetividade", no sentido de examinar a cultura em relação a vidas individuais. O segundo livro seminal dessa tendência, publicado no ano seguinte, foi o "Culture and Society", de Raymond Williams, sobre a dificuldade bastante específica, da identificação dos efeitos culturais das desigualdades sociais (HOLLANDA *apud* PRYSTHON, 1996).

Vale ressaltar que Hoggart trata em sua obra, *The Uses of Literacy*, sobre os produtos culturais antes desprezados, tais como a cultura popular e a cultura de massa. Assim, o trabalho do autor é importante, porque inaugurou uma nova forma de analisar a cultura. O redirecionamento adotado pelo autor é importante, porque “no âmbito popular não existe apenas submissão, mas também resistência, o que mais tarde, será recuperado pelos estudos de audiência dos meios massivos” (ESCOSTEGUY, 2003). Já quanto ao estudioso Williams, pode-se falar que suas postulações contribuem de maneira profícua para os Estudos Culturais. Partindo de um olhar diferenciado de se analisar fenômeno literário, acaba mostrando ser a cultura uma forma de conectar a análise literária com a investigação social. Quanto a Thompson, conforme Escosteguy (2003), percebe-se que seus escritos influenciaram o desenvolvimento da história social britânica de dentro da tradição marxista. Assim, nas palavras da autora:

² Disponível em < http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias/artigos/estudos_culturais_ana.pdf>. Acessado em 04/03/14.

[...] cultura era uma rede vivida de práticas e relações que constituíam a vida cotidiana, dentro da qual o papel do indivíduo estava em primeiro plano. Mas, de certa forma, Thompson resistia ao entendimento de cultura enquanto uma forma de vida global (ECOSTEGUY, 2003).

Em caminho adverso era o pensamento de Thompson. O autor não partilhava do entendimento de cultura enquanto forma de vida global. Para ele, o entendimento era de que cultura servia como forma de enfrentar modos de vidas diferentes.

Com a criação do centro, surge uma gama de teóricos que voltam seu interesse de pesquisa para as funções políticas da cultura e pelas manifestações de cultura de massa. Assim, “as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais, vão compor o eixo principal de observação do CCS” (ESCOSTEGUY, 2003).

Movido a um forte viés marxista, alguns conceitos e teóricos são fundamentais pela contribuição dada à linha. Para se dar um exemplo, o conceito de hegemonia, fortemente associado a Gramsci, será de fundamental importância para tratar acerca das relações de dominação, muitas vezes, escamoteadas pela sociedade. Outro termo, o vocábulo subalterno, também gramsciano, acaba por sintetizar um dos principais interesses dos Estudos Culturais. Assim, não se pode deixar de comentar também sobre a influência da Escola de Frankfurt. A esse respeito, Prysthon postula:

Há uma série de afinidades entre a visão macro dos frankfurtianos sobre a sociedade e os EC, embora a teoria crítica alemã negligencie um aspecto essencial para os EC: as formas nas quais a indústria cultural, mesmo a serviço do capital, pode propiciar oportunidades para a criatividade individual e coletiva (PRYSTHON, 2003, p. 136).

Além da influência marxista, como já fora exposto, a semiótica também servirá de apoio para os Estudos Culturais. Nesse sentido, destaca-se a figura de Stuart Hall, que volta sua área de interesse para práticas significantes e processos discursivos. O teórico substituiu Hoggart na direção do centro de 1968 a 1979. Ao incentivar o alastramento da investigação de práticas de resistência de subculturas bem como

análises de produtos da cultura de massa, pode-se falar que o autor exerceu um papel de grande importância, “uma função de ‘aglutinador’ em momento de intensas distinções teóricas, sobretudo, destravou debates teóricos políticos, tornando-se um catalizador de inúmeros projetos coletivos” (ESCOSTEGUY, 2003).

Os Estudos Culturais, em termos gerais, mantêm um intenso diálogo com a teoria francesa a ponto de ser definido justamente como um território de fronteira entre as ideias estruturalistas e pós-estruturalistas tendo como base os fundamentos marxistas. Dessa forma, a linha sofre influência de teóricos como Althusser, Foucault, Barthes, Lyotard e Derrida. As postulações desses autores foram apropriadas pelos Estudos Culturais, principalmente, a partir dos anos 80. A esse respeito, vale o pensamento de Hollanda:

Com o tempo, Birmingham vai absorvendo as novas questões trazidas especialmente pelos pensadores franceses como Foucault, de Certeau, Bourdieu etc, passam do estudo das comunidades – articulados como classes ou sub-culturas – para o estudo dos grupos étnicos, de mulheres, raciais e tornam-se a voz do outro na academia, absorvendo assim um contingente expressivo de antropólogos, sem entretanto abrir mão, da criação de novos cruzamentos intelectuais e institucionais que produzam o efeito político de expandir a sociedade civil (HOLLANDA apud PRYTHON, 2003, p.136).

Um dos grandes méritos dos Estudos Culturais é o redimensionamento do conceito de cultura. Dessa forma, entende-se que cultura não se trata de uma entidade homogênea e se manifesta de maneira diversa em qualquer formação social ou época histórica, tampouco significa apenas sabedoria recebida ou experiência passiva. Assim, cultura envolve um amplo número de intervenções ativas que se expressam notavelmente por meio do discurso e da representação. Para o grupo, o conceito de cultura imbrica “propostas pelas grandes mudanças históricas que as modificações na indústria, na democracia e nas classes sociais representam de maneira própria e às quais a arte responde também, de forma semelhante” (HALL, 2003, p. 125). Dessa forma, pode se falar que a linha pauta seus estudos nas produções culturais e analisam e inter-relacionam como tais produtos articulam valores, ideologias, bem como representações da ordem de gênero, sexo e classe na sociedade. Ademais, os Estudos Culturais não constituem uma disciplina, mas sim uma área em que várias disciplinas se

complementam objetivando estudar os aspectos culturais da sociedade, o que acaba por constituir um trabalho historicamente determinado.

Estudos culturais: o caso da telenovela

Não há dúvidas quanto à constatação de que as mídias pautam boa parte das relações humanas. Elas se tornaram indispensáveis a ponto de servirem como caracterização do atual estágio experimentado pela sociedade, a sociedade audiovisual. Então, é lícito afirmar que as mídias dominam o lazer, fornecem meios de promoção de identidade, veicula modelos e opiniões políticas, ajudando a modelar visões prevalentes do mundo e dos valores mais profundos, além de ditar comportamentos sociais. Por essa razão, alguns teóricos postulam que a sociedade vive imersa numa *cultura de mídia*. Tal aceção é defendida por Douglas Kellner. Para o teórico, “a cultura de mídia também fornece material com que as pessoas constroem o seu senso de classe, etnia, raça e nacionalidade” (KELLNER, 2001, p.09). Por sua vez, Thompson (1998) defende a ideia de que se deve estudar a mídia, porque está situada no âmago das sociedades modernas. Por esse motivo, o autor sustenta ser de extrema importância traçar um perfil do que considera ser uma teoria social de mídia. As postulações do autor são extremamente importantes, sobretudo, quando se pensa que as mídias tiveram durante um certo tempo uma posição secundária na sociedade.

As mídias, então, pautam as relações humanas. Como forma de não deixar muito ampla a questão midiática, o corpus de análise escolheu um produto de extrema importância para o país: as telenovelas, produto visto e consumido por todas as classes. Produto de inspiração literária e criada a partir das radionovelas, esse produto ficcional está presente no país há mais de 60 anos e constitui-se como o produto de mídia mais consumido. Constitui-se por criar hábitos, ditar regras de conduta e influenciar a criação de identidades, podendo ser destacadas também como “máquinas de vender valores e atitudes”. Trata-se de “um formato industrial de ficção seriada, na qual o gênero dominante é o melodrama” (OROFINO, 2006, p.150).

Pela profundidade dos temas retratados e pelo serviço de formação que prestam à nação, é indiscutível que a telenovela deixou de ocupar o posto de mero

entretenimento para se consolidar numa narrativa acerca da nação. A esse respeito, valem as pontuações de Lopes³:

Alçada à posição de principal produto de uma indústria televisiva de grandes proporções, a novela passou a ser um dos mais importantes e amplos espaços de problematização do Brasil, indo da intimidade privada aos problemas sociais. Essa capacidade sui generis de sintetizar o público e o privado, o político e o doméstico, a notícia e a ficção, o masculino e o feminino, está inscrita na narrativa das novelas que combina convenções formais do documentário e do melodrama televisivo (LOPES, 2009, p.06)

Os estudos culturais acerca do gênero novela são de extrema importância para se compreender a cultura contemporânea bem como para se balizar questões referentes à construção da identidade nacional. Douglas Kellner, teórico da área de mídia postula que “os produtos da mídia, portanto, não são entretenimento inocente, mas têm cunho perfeitamente ideológico e vinculam-se à retórica, a lutas, a programas e ações políticas” (KELLNER, 2001, p.123).

Os pressupostos teórico-metodológicos oriundos dos chamados “*Estudos de Recepção*” vão compor a base para os estudos acerca da telenovela. Essa linha dos Estudos Culturais foi criada por Martín-Barbero, teórico influente e de extrema importância para os estudos de mídia. O autor tem a concepção de que o folhetim e o melodrama são formas de construção de identidade na América Latina. Por isso, o autor trabalha o conceito de comunicação a partir de cultura, criando, dessa forma, o conceito basilar para os estudos de recepção, o conceito de mediação.

Fica evidente que as propostas da linha se afastam das fundamentações teóricas advindas de Theodor Adorno e Max Horkheimer, que cunharam em 1947 o termo indústria cultural na obra *Dialética do Iluminismo*. Aqui, faz-se necessário asseverar que o conceito de indústria cultural é bastante carregado de conotações, uma vez que os teóricos de Frankfurt basearam seus estudos na sociedade de massa americana. Assim, as postulações dos teóricos centralizam a discussão acerca do seguinte embasamento: a indústria cultural realiza uma verdadeira manipulação na consciência dos indivíduos, aniquilando a sua autonomia.

³ Disponível em < <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/viewfile/4195/3934>>. Acesso em 05/03/2014.

Atribui-se grande importância aos estudos de mídia para as postulações de Stuart Hall. O autor propõe um modelo de codificação e decodificação do texto midiático. Vale complementar que o ponto de vista do autor reitera outros campos do saber, como o modelo recepcional, adotado nos estudos literários. O teórico investigou o recebimento e a interpretação do texto midiático pelo receptor. Assim, percebe-se que há uma rejeição para as postulações da Escola de Frankfurt, que encara as mídias como uma forma de rotular e eliminar a percepção real acerca do mundo. John Thompson, outro teórico basilar, sociólogo da Universidade de Cambridge, também pautou seus estudos de mídias na recepção. O autor faz uma ligação entre estudos culturais, interacionismo e autores como Michel Foucault. Para isso, investigou como o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa afetam as formas de interação social, o que acaba produzindo novas formas de relacionamentos e de representações sociais. Tal fenômeno, na visão do autor, acaba gerando novas identidades e é responsável por reorganizar e reconstituir a interação.

Thompson, dessa forma, encara a recepção como uma apropriação cotidiana. Nas palavras do autor, “a recepção dos produtos da mídia é uma rotina, uma atividade prática que muitos indivíduos já integram como parte de suas vidas cotidianas. (THOMPSON, 1998, p.42). As ideias de Thompson caminham no sentido de que as mensagens são recebidas por grupos e pelos indivíduos que estão imersos em contextos sociais e históricos específicos a partir de múltiplas identidades. Basta verificar que as produções também se dão nesse contexto.

Já para Martín-Barbero, a produção de sentido se dá por parte do receptor embasado em usos sociais. Assim, o autor sustenta que “o eixo dos debates deve se deslocar dos meios para as mediações, isto é, para as articulações entre práticas de comunicação e movimentos sociais, para as diferentes temporalidades e para as pluralidades das matrizes culturais” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.258).

Para Barbero, existem três lugares fundamentais de mediação: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. A família, para o autor, consiste numa situação primordial de conhecimento, uma vez que é concebida como um espaço que possibilita ao indivíduo reconhecer a constituição de identidades. O cotidiano é um modo privilegiado para a análise do processo de recepção, uma vez que

“encontram-se desde a relação com o próprio corpo até usos do tempo, o habitar e a consciência do que é possível ser alcançado por cada um” (BRITTOS, 2002, p.30). Nas palavras de Martín-Barbero (1997, p.56), “boa parte da recepção está de alguma forma, não programada, mas condicionada, organizada, tocada, orientada pela produção, tanto em termos econômicos como em termos estéticos, narrativos, semióticos. Faz-se necessário ressaltar que não se deve falar somente em análise de classes como força explicativa de nossa realidade, afinal para Stuart Hall (2006), as identidades modernas são múltiplas. Em caminho adverso é o entendimento de Martín-Barbero, que encara a análise de classe como sendo fundamental para traçar um panorama acerca da sociedade.

A partir dessas postulações, pode-se perceber, então, o quão importante se faz necessário estudar as mídias, sobretudo, as telenovelas, como forma de interpretar o país. Silverstone afirma que o trabalho com mídias deve ser pautado como dimensão social, cultural, política e econômica do mundo moderno. Nas palavras do autor:

Estudá-la como dimensão social e cultural, mas também política econômica, do mundo moderno. Estudar sua onipresença e sua complexidade. Estudá-la como algo que contribui para nossa variável capacidade de compreender o mundo, de produzir seus significados [...]

Pois a mídia é, se nada mais, cotidiana, uma presença constante em nossa vida diária, enquanto ligamos e desligamos, indo de um espaço, de uma conexão midiática, para outro. Do rádio para o jornal, para o telefone. Da televisão para o aparelho de som, para a Internet" (SILVERSTONE, 2002, p. 13- 20).

Os estudos culturais acerca do gênero telenovela levaram cerca de três décadas para se constituírem como uma área de estudo. Apesar de ganhar espaço acadêmico recentemente, esse ramo de estudo ganhou visibilidade e cada vez mais se nota na academia sua influência, sobretudo, pelo interesse nos produtos midiáticos como forma de interpretar o país. Assim, nas palavras de Lopes (2003, p.07), “é possível afirmar que a telenovela no Brasil conquistou reconhecimento público como produto artístico e cultural e ganhou visibilidade como agente central do debate sobre a cultura brasileira e identidade do país”. A teórica credits o sucesso do gênero no país, afirmando ser a telenovela um dos fenômenos de maior representação da modernidade brasileira. Nas palavras de Lopes:

Ela também pode ser considerada um dos fenômenos mais representativos da modernidade brasileira, por combinar o arcaico e o moderno, por fundir dispositivos narrativos anacrônicos e imaginários modernos e por ter a sua história fortemente marcada pela dialética nacionalização-massmediação (LOPES, 2003, p.17).

Aproveitando, a postulação da autora, faz-se necessário adentrar num tema extremamente importante para a contemporaneidade: a questão da identidade. Tal conceito extremamente discutido na teoria social adquiriu contornos mais relevantes como forma de se entender as questões sociológicas de fim de século. O conceito postulado, nas palavras de Bauman (2005), não passa de uma convenção que foi apreendido e assimilado ao longo do tempo, uma vez que inicialmente tal conceito era identificado pelo nascimento do indivíduo numa sociedade amplamente marcada pela estratificação. Depois, o conceito passou a se relacionar com o papel que o indivíduo ocupava na pirâmide de trabalho. Assim, para Bauman:

tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade (BAUMAN, 2005, p. 17).

A partir das ideias cunhadas por Bauman, percebe-se que a questão da identidade está intimamente ligada às heranças sociais e culturais. Ademais, trata-se de um conceito formado pela vivência em grupos mantenedores de hábitos parecidos. Na era atual, marcada por uma sociedade multifacetada, híbrida, esse conceito é amplamente discutido devido ao engendramento de um ser multicultural. Dessa forma, é lícito falar que o conceito de identidade antes fixo, foi revigorado, porque o indivíduo contemporâneo busca identidades em movimento. Nesse sentido, Bauman ainda postula:

Em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal-coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados. Poucos de nós, se é que alguém, são capazes de evitar a passagem por mais de uma “comunidade de ideias e princípios”, seja genuína ou supostas, bem integradas ou efêmeras, de modo que a maioria tem problemas em resolver

(...) a questão da *la mêmète* (a coerência daquilo que nos distingue como pessoas, o que quer que seja) (BAUMAN, 2005, p.19).

Para o teórico Stuart Hall (2003), as identidades estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo. Assim, para ele: “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades”. (HALL, 2003, p.12).

Considerações finais

Este artigo, longe de esgotar as postulações acerca dos Estudos Culturais, procurou focar a trajetória histórica da evolução da linha de pesquisa, também ateu-se a tecer considerações acerca dos estudos de mídia. Para tanto, elegeu a novela como objeto privilegiado de entretenimento e de representação nacional. Acredita-se que tal escolha é importante, porque esse produto de ficção midiática, nos últimos anos, ganhou espaço no meio acadêmico, passando a ser estudado como objeto privilegiado de construção de identidade e de representação nacional.

Para Roger Silverstone (2003), a sociedade experimentou um estágio de extrema dependência de mídias para fins de entretenimento e informação. Embora o formato das telenovelas tenha sido alvo de severas críticas pela Escola de Frankfurt, uma vez que para o grupo exerciam um alto poder de manipulação e faziam o telespectador perder a autonomia, essa visão foi superada. Hoje, o meio acadêmico credita a elas um alto poder de participação acerca da construção das identidades nacionais. Funcionam, portanto, como forma de mediação social, tornando-se uma narrativa sobre a nação.

Por essa razão, a obra audiovisual torna-se um objeto privilegiado acerca da cultura e da sociedade contemporânea brasileira. Dessa forma, o presente artigo, procurou balizar tal posicionamento. O objetivo pretendido foi mostrar postulações advindas dos estudos de mediação propostos por Martín-Barbero.

Referências

ADORNO, T.W. **A televisão e os padrões da cultura de massa**. In Cultura de Massa. B. Rosemberg - d white (ed.), São Paulo: cultrix, 1973.

_____. **“A indústria cultural”**. In: COHN, G. (Org.). Theodor W. Adorno. São Paulo, Ática, 1986, p.92-99.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BRITTOS, V.C. **Recepção e TV a cabo: a força da cultura local**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002.

ESCOSTEGUY, A.C. **Os estudos culturais**. Revista Cartografias. Disponível em <http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias/artigos/estudos_culturais_ana.pdf>. Acesso em 25/02/14.

HALL, S. **Da diáspora: identidade e imediações culturais**. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaide La Guardiã Rezende...(et al) Belo horizonte. Ed. UFMG, 2003.

KELLNER, D. **A cultura da mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.

LOPES, M. I. V. **Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação**. Revista Comunicação e Educação. Jan/abr. 2003. Disponível em<<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/viewfile/4195/3934>>. Acesso em 05/03/2014.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Traduzido por Ronald Polito; Sérgio Alcides. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

PRYSTHON, A. **Estudos culturais: Uma (in)disciplina?** Revista Comunicação e Espaço Público. Ano VI, nº 1 e 2, 2003. Disponível em<<http://interin.utp.br/index.php/vol11/article/download/216/151>>. Acesso em 25/02/14.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?**. Edições Loyola, 2002 .

THOMPSON, J. **Mídia e modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.